

samos lhe fazer. Sua reação sugere que a responsabilização do outro pode estar a serviço da defesa contra angústias presentes nas relações escolares, defesa esta que garante a cada um e a cada subgrupo um sentimento de competência e de legitimidade graças à atribuição de incompetência e de ilegitimidade a outrem. Estamos, portanto, no domínio da cisão. A projeção de características negativas no outro é um mecanismo socialmente poderoso, na medida em que justifica a opressão. Esta atribuição, que não se dá aleatoriamente, mas informada por preconceitos e estereótipos sociais, determina a maneira como o poder será exercido. Portanto, a apreensão do significado do que ocorre na escola requer mais do que saber que há pessoas investidas de poder: é fundamental saber como elas o exercem e por que o fazem de determinadas maneiras.

Nos anos de 1983 e 1984, baixar os índices de repetência na primeira série é um objetivo manifesto que estrutura práticas e relações na escola do Jardim. De onde vem a obstinação com que Maria da Glória desempenha seu papel, cumprindo e fazendo cumprir exemplarmente uma meta oficial? Em sua história pessoal, no curso da qual elabora seus saberes e suas práticas, encontramos elementos importantes para a resposta a essa pergunta. Quando relata as dificuldades que enfrentou, tanto em sua vida pessoal como em sua carreira, Maria da Glória revela sua forma predominante de enfrentá-las: norteada pela ideologia do esforço e da capacidade pessoal como condição para o sucesso, sua vida profissional é pontuada de episódios que ela toma como exemplos da reversão de condições adversas por meio da dedicação. Em sua primeira experiência profissional, o diretor da escola atribuiu-lhe uma "classe fraca", ao que ela teria respondido da seguinte forma:

*"Andando pela escola, eu descobri um teatrinho de fantoches e foi com ele que alfabetizei e usei também a cartilha que era uma cartilha para classe forte — 'Quem sou eu, cartilha do Dudu', parece que chama — e eu alfabetizei toda a classe com os bonequinhos de fantoche e usei um sistema parecido com esse que está aí, da Bárbara... como é mesmo? E então eu alfabetizei através dos bonecos e aí senti que o diretor se entusiasmou e eu lembro que eu tinha trinta e sete alunos e ia reprovar três, mas o diretor aplicou um teste e me fez aprovar os três que eu ia reprovar, aí aprovei os trinta e sete. Até hoje fiquei na cabeça com o número de alunos, gravei '37', foi uma experiência muito válida."*

Sua crença no poder da força de vontade impregna também a maneira como enfrentou dificuldades enquanto estagiária e aluna da escola normal:

*"No primeiro ano do normal, a irmã pediu para eu lecionar para a terceira série do ginásio com dificuldade, no próprio colé-*

gio... nessa passagem de eu ser do sítio para a escola de irmãs, de elite, eu tive umas dificuldades: a primeira foi a linguagem, eu recebia muita caçoada, me marcou muito a caçoada dos alunos e a segunda foi a parte de bordado, eu senti muita dificuldade, então eu compensei noutras coisas, sempre fui a primeira da classe.”

Esta concepção voluntarista de mundo impregna sua atuação profissional e está presente na maneira como equaciona as questões da hierarquia e da reprovação: de um lado, permite-lhe negar o poder das instâncias superiores; de outro, facilita sua adesão a uma versão muito difundida sobre as causas das dificuldades de aprendizagem escolar da clientela da escola pública — sua atribuição à deficiência dos professores, em termos que não excluem considerações de ordem moral.

*“Aquilo que eu acredito e eu acho que vai dar certo pra criança, eu faço, independentemente das teorias existentes por aí, no meu modo de ver. Nesta escola eu fiz vários projetos, de tudo o que eu li e acho que pode ajudar eu faço, não há política administrativa que me impeça, não faz coisas na escola quem não quer, porque em qualquer política, com jeito você consegue.”*

Da mesma forma, o sucesso do aluno depende quase que exclusivamente da vontade do professor:

*“Eu sempre gostei de lecionar e sempre achei que na hora que você quer que o aluno aprenda, ele aprende, (...) Eu comparo com a minha vida, eu consegui fazer isso e aquilo e eu acho que o professor pode conseguir.”*

Munida desta visão e perseguindo com afinco a diminuição dos índices de reprovação, Maria da Glória exerce com severidade suas funções de diretora. Como ela mesma diz:

*“Esta escola exige, força que se desenvolva o melhor ensino possível e senti que os coordenadores se empenharam nisso e recebemos bons professores como professores despreparados, críticas dos professores de que somos exigentes demais, porque talvez a gente passe essa ansiedade da gente de que se façam coisas para diminuir a reprovação.”*

Retenhamos, desta fala, o verbo “forçar”.

Sua crítica ao desempenho dos professores vem perpassada por sua convicção de que “querer é poder”:

*“Sempre achei que na hora que você quer que o aluno aprenda, ele aprende, eu já tive a experiência de pegar um aluno com quatro anos de reprovação e conseguir e a mãe chegar e ajoelhar — ‘Olha, a senhora salvou’. Então, eu acho que 90% depende da autovvalorização que o professor desenvolve no aluno de que o alu-*